

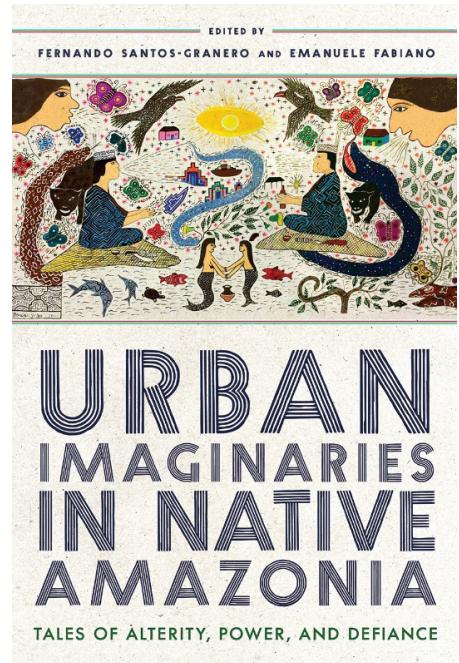
SANTOS-GRANERO, F.; FABIANO, E. **Urban Imaginaries in Native Amazonia**: tales of alterity, power and defiance. Tucson: The University of Arizona Press, 2023.

Amanda Horta<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

**L**ançado em 2023, o livro “*Urban Imaginaries in Native Amazonia: tales of alterity, power and defiance*”, organizado por Fernando Santos-Granero e Emanuele Fabiano, apresenta ao público uma coletânea de artigos que explora as imagens e os entendimentos sobre os mundos urbanos vividos e narrados em mitos, discursos cosmológicos e experiências pessoais de 11 povos indígenas amazônicos<sup>1</sup>. E o leitor que não se engane: a urbanidade de que falam os povos que protagonizam os capítulos não se restringe às experiências nas cidades contemporâneas e históricas, mas se apresenta também como elemento central de mundos habitados por seres outros que humanos. Desse modo, o livro oferece uma contribuição revigorante aos estudos amazônicos sobre os processos de urbanização indígena, por tomá-los não apenas a partir dos aspectos materiais e sociológicos das experiências indígenas em cidades, mas de todos os outros contextos em que tomam lugar nas narrativas indígenas: suas experiências oníricas, míticas e xamânicas – seus imaginários urbanos.

A bela edição traz na capa uma ilustração de Bawan Jisbe, nome indígena de Elena Valera, mulher do povo shipibo-conibo, mestre das artes da pintura, do bordado e da cura. Intitulada “*Shamans visiting the underwater city of the Anaconda People*” (2009), a imagem mostra dois xamãs trajados com ornamentos tradicionais rodeados de árvores, borboletas, tracajás, sereias e onças-pretas. Suas bocas parecem soprar edifícios, uma lancha, um navio cargueiro e casas multicoloridas, distintas das de palha e madeira que compõem a paisagem das comunidades shipibo-conibo. O mundo xamânico expresso na ilustração costura elementos das cidades dos *mestizos* (chamados de brancos na Amazônia brasileira) aos seres que habitam as florestas. Antes mesmo da leitura das primeiras linhas, o livro fechado nas mãos já anuncia uma intrigante visão amazônica do cosmos e das relações cosmopolíticas.



<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Brasil, Processo n. 2023/09700-7. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Recebido em: 22/10/2024

Aceito em: 20/01/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

O livro se abre com uma densa introdução assinada pelos organizadores, que conta uma história pouco conhecida pelo público não especializado sobre a maior floresta equatorial do planeta. Seguindo uma tendência mundial, desde o final do século XX, a Amazônia é majoritariamente urbanizada. Essa transformação também impacta os povos indígenas, que ocupam as cidades em números progressivamente maiores, fato registrado nas mais recentes estatísticas oficiais. No mundo acadêmico, ainda que “urbanização indígena”, ou a “presença indígena nas cidades” (como preferem alguns antropólogos<sup>2</sup>), não protagonizem o campo da etnologia amazônica, hoje são cada vez mais raras as etnografias que possam se furtar de mencionar o poderoso fascínio que as cidades, *loci* de poder e perigos extraordinários, exercem sobre os imaginários indígenas. Como mostram os organizadores, a literatura amazônica está repleta de registros sobre a natureza urbana dos mundos outros que humanos, espaços em que abundam estradas, postes, automotores e outros elementos considerados emblemáticos das cidades – como aqueles que vemos na ilustração de Bawan Jisbe.

Essas experiências díspares da urbanidade começam a compor o escopo de imaginários urbanos que interessam aos autores da coletânea. “Na Amazônia Indígena”, escrevem Santos-Granero e Fabiano,

[...] imaginários urbanos consistem em imagens e entendimentos sobre a realidade urbana de Outros extraordinários e potencialmente perigosos – de espíritos terrestres, aquáticos e celestiais a povos urbanos pré e pós-coloniais – que emergem por um processo de *double mirror* (Santos-Granero; Fabiano, 2023, p. 16).

Vale lembrar aqui os trabalhos de Franchetto (1992) e Albert (1992) sobre como os povos alto xinguanos e yanomami elaboraram seus entendimentos sobre os brancos nos primeiros contatos, tomando-os como espíritos e feiticeiros. Das narrativas indígenas sobre a vida urbana dos espíritos aos encontros indígenas com brancos-espíritos de vida urbana, vemos em ação o jogo de espelhos mencionado na introdução, por meio do qual imaginários urbanos e realidades urbanas se refletem infinitamente.

O livro é então dividido em três partes. A primeira delas, “*Enchanted Cities and Urban Cosmopolitics*”, começa com o texto de Robin Wright sobre os imaginários urbanos no noroeste amazônico. O autor investiga quatro noções baniwa e kuripako de cidades, tal como expressas por xamãs, anciãos e líderes políticos – cidades contemporâneas, coloniais, xamânicas e cosmogônicas. Wright nota como todas essas cidades são espaços de poder e de transformação, mas que as cidades contemporâneas e coloniais se distinguem das últimas por colocarem em risco a reversibilidade das transformações.

Na sequência, Emanuele Fabiano analisa o imaginário urbano dos Urarina, povo que habita a bacia do rio Chambira, no Peru. As narrativas urarina apresentam a floresta como ocupada por uma rede de metrópoles, que se erigem em torno de árvores da floresta profunda, habitadas por entidades não humanas que podem perseguir e adoecer os humanos. Os perigos e as complexidades das cidades arbóreas não as conectam somente às cidades amazônicas contemporâneas. Estendendo a análise até o período do *boom* da borracha (1870-1910), Fabiano traz à tona outros significados importantes do imaginário urbano urarina, que remetem a experiências de dominação em relação aos *mestizos*, anteriores ao estabelecimento das cidades industriais.

<sup>2</sup> Para uma reflexão sobre as implicações epistemológicas de tal escolha conceitual ver Nunes (2010).

Encerrando a primeira parte, Daniela Peluso propõe estender suas análises anteriores sobre a circulação de pessoas entre aldeias e cidades, aos lugares invisíveis, narrando o inusitado encontro dos Ese Eja com uma menina estrangeira (*deja*) em Puerto Maldonado, Peru. É por meio de uma cerimônia xamânica que eles aprendem sobre a identidade da garota: a menina *deja* era, na verdade, *emanokwana*, filha dos mortos, espíritos que vivem em grandes vilas e cidades. A autora lê a história como um ponto de encontro entre três imaginários urbanos: a comunidade indígena na qual circulam ideias de urbanidade, a cidade de Puerto Maldonado e a cidade dos mortos – um encontro que abre a possibilidade extraordinária de reaproximação entre o mundo dos mortos e dos vivos.

A segunda parte do livro, intitulada “*Forest-City Tensions and Interactions*”, se abre com o artigo de Natalia Buitron sobre os imaginários urbanos shuar na Amazônia equatoriana. A autora conta que os Shuar não manifestam o desejo de se firmarem na cidade, mas de urbanizar a floresta onde vivem, construindo uma aldeia turística modelo, equipada com trilhas e estradas ecológicas, pista de pouso e cachoeira preservada. Para Buitron, a produção de aldeias urbanizadas está ligada ao desejo por autonomia, um movimento que recria o exterior em termos shuar e assegura maior controle das relações com os *mestizos*.

Na sequência, Fabiana Maizza escreve sobre os imaginários urbanos Jarawara, povo que habita o sudoeste da Amazônia brasileira. Maizza propõe uma experimentação feminista a partir de seu material etnográfico, retomando narrativas de xamãs Jarawara sobre *neme*, camada do cosmos em que os espíritos das plantas são criados por outros seres vegetais: um mundo no qual plantas-humanas vivem em cidades hiperindígenas (bonitas e festivas) e hiperbrancas (repletas de bens e sem lixo), sem nenhuma contradição. O experimento abre espaço para uma noção de criação que ultrapassa os limites convencionais do parentesco. Segundo argumenta, *neme* seria uma leitura Jarawara de como “[...] as cidades poderiam ser se fossem concebidas pela imaginação indígena” (Maizza, 2023, p. 160).

A terceira e última parte do livro, “*Urban Imaginaries Through Time*”, é composta de três artigos. O primeiro, de Philippe Erikson, conta sobre os imaginários urbanos dos Chacobo, povo que habita o norte da Bolívia. Segundo afirmam, as cidades lhes são familiares. Essa afirmação não se restringe às cidades contemporâneas: registros da conexão chacobo com assentamentos permanentes podem ser traçados até a segunda metade do século XVIII. De fato, segundo contam, certas cidades bolivianas e brasileiras foram espaços liderados, outrora, por grandes chefes chacobo. Assim como Buitron, Erikson não diz de cidades encantadas, mas seus textos convergem com os outros na ideia de que os imaginários urbanos amazônicos não apenas refletem as experiências nas cidades contemporâneas, mas infletem suas imagens a partir de outras experiências e valores. Isso implica dizer, segundo Peluso (2023, p. 110), “[...] que a urbanidade não é exclusiva dos brancos”. Nas narrativas sobre as cidades xamânicas e cosmogônicas baniwa e kuripako, nas cidades arbóreas urarina e na cidade dos mortos ese eja; nas aldeias urbanizadas shuar, nos *neme* jarawara e na anterioridade da ocupação chacobo das cidades contemporâneas, vemos um deslocamento da ideia de que os brancos são os donos por excelência das cidades e que, portanto, seriam a fonte maior de reflexão sobre a urbanidade.

Esse é um dos argumentos mais interessantes do livro: a ideia de que os imaginários urbanos amazônicos não são simples epifenômenos da experiência nas cidades contemporâneas, mas se nutrem de cenários urbanos provavelmente anteriores às cidades industriais. Os dois últimos capítulos aprofundam esse argumento. Pirjo Kristiina Virtanen trata da história

profunda de urbanidade na região do Alto Purus, região marcada pela presença de centenas de geoglifos conectados, datados de até 3 mil anos e organizados pelos pontos cardinais, fases solares e lunares. Tudo indica que viveram ali sociedades urbanas cuja organização sociopolítica considerava agências outras que humanas. Virtanen conecta as descobertas arqueológicas às experiências Apurinã e Manxineru em mundos espirituais urbanizados e cidades contemporâneas, espaços ativamente “domesticados” por essas populações. Por fim, o artigo de Fernando Santos-Granero propõe identificar as fontes que inspiraram os imaginários urbanos dos povos aruak do sul (Ashaninka, Asheninka, Nomatsiguenga, Matsiguenga e Yanomami). O texto é ordenado em retrospectiva e descreve as muitas cidades urbanizadas conhecidas por esses povos – cidades contemporâneas, coloniais, cidades dos Incas e do Império Wari – que provocam pensar experiências indígenas de urbanidade anteriores à Era Cristã.

Os dois últimos artigos reforçam aquilo que Peter Gow especulava há mais de uma década: os imaginários urbanos da Amazônia indígena podem ser fruto da relação direta ou indireta com as cidades pré-colombianas (Gow, 2011). Juntos, os textos que compõem o livro oferecem uma contrapartida etnográfica potente para as consolidadas descobertas da arqueologia sobre a existência de um denso sistema de centros urbanos anteriores à invasão europeia das Américas, complexificando as imagens que fazemos tanto da história antiga amazônica quanto das experiências indígenas contemporâneas da urbanidade.

## Referências

ALBERT, Bruce. A fumaça do metal. História e representações do contato entre os Yanomami. **Anuário Antropológico**, [s.l.], n. 89, 1992.

FRANCHETTO, Bruna. ‘O aparecimento dos caraíba’: para uma história kuikuro e alto xinguana. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 339-356.

GOW, Peter. Rethinking Cities in Peruvian Amazonia: History, Archaeology, and Myth. In: FORTIS, P.; PRAET, I. **The Archaeological Encounter**: Anthropological Perspectives. St. Andrews: Centre for Amerindian, Latin American and Caribbean Studies, 2011. p. 174-203.

MAIZZA, Fabiana. Sublime cities: Ethnographic Fabulations on Plant Beings Among the Jarawara of Brazil. In: SANTOS-GRANERO, F.; FABIANO, E. **Urban Imaginaries in Native Amazonia**: tales of alterity, power and defiance. Tucson: The University of Arizona Press, 2023. p. 153-171.

NUNES, Eduardo Soares. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. **Espaço Ameríndio**, [s.l.], v. 4, n. 1, 2010.

PELUSO, Daniela. 2023. A Tale of Three Cities: Power Relations amid Ese Eja Urban Imaginaries. In: SANTOS-GRANERO, F.; FABIANO, E. **Urban Imaginaries in Native Amazonia**: tales of alterity, power and defiance. Tucson: The University of Arizona Press, 2023. p. 95-120.

SANTOS-GRANERO, F.; FABIANO, E. Introduction. Amerindian Urban Imaginaries: A Double-Mirror Reality. In: SANTOS-GRANERO, F.; FABIANO, E. **Urban Imaginaries in Native Amazonia**: tales of alterity, power and defiance. Tucson: The University of Arizona Press, 2023. p. 3-40.

**Amanda Horta**

Bacharela em Ciências Sociais pela UFMG, mestre e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ, atualmente sou pós-doutoranda associada ao PPGAS-UFSCar e ao projeto temático Métis: Artes e Semânticas da criação e da memória (Fapesp processo n. 2020/07886-8). Desde 2014, trabalho junto aos indígenas do Território Indígena do Xingu articulando temas como relação com os não indígenas, mobilidade e manejo ambiental.

Endereço profissional: Rodovia Washington Luis, km 235, São Carlos, SP. CEP: 13565-905.

E-mail: amandahorta@ufscar.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0602-5669>

**Como referenciar esta resenha:**

HORTA, Amanda. Resenha da obra *Urban Imaginaries in Native Amazonia: tales of alterity, power and defiance*. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e103602, p. 167-171, janeiro de 2025.